

PATRICK
LENCIONI

AUTOR DE OS 5 DESAFIOS DAS EQUIPES,
MAIS DE 3 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

OS 6 TIPOS
DE TALENTO
PROFISSIONAL

UMA MANEIRA INOVADORA DE ENTENDER
SUAS APTIDÕES, SUAS FRUSTRAÇÕES
E SUA EQUIPE



SEXTANTE

*Este livro é dedicado a meu filho Matthew.
Sem suas ideias, este projeto não teria acontecido
nem teria sido a alegria que foi para mim.*

INTRODUÇÃO

Este livro se baseia em duas verdades inegáveis.

Primeira: as pessoas que utilizam seus talentos naturais, concedidos por Deus, são muito mais realizadas e bem-sucedidas do que as que não os utilizam.

Segunda: equipes e organizações que ajudam as pessoas a tirar proveito do talento que Deus lhes deu são muito mais bem-sucedidas e produtivas do que as que não ajudam.

Por mais óbvio que tudo isso pareça, a maioria das pessoas ainda não se sente muito realizada no trabalho, o que faz sentido, porque não conhece em profundidade seus talentos profissionais. Em consequência disso, grande parte das equipes não chega nem perto de aproveitar os talentos de seus integrantes nem de atingir seu verdadeiro potencial. A pergunta que precisa ser feita é: por que ainda não resolvemos esse problema?

Certamente não é por falta de tentativa. Dispomos de várias ferramentas maravilhosas que nos ajudam a compreender melhor nossa personalidade e nossas preferências. Utilizo muitas delas há vários anos. O problema sempre foi descobrir como elas se aplicam à experiência cotidiana de realizar um trabalho de verdade, de qualquer tipo, com colegas de equipe que têm talentos diferentes.

É uma satisfação poder dizer que *Os 6 tipos de Talento Profissional* resolve exatamente esse problema. Não apenas proporciona uma base para cada indivíduo conhecer rapidamente seus

talentos singulares, mas o faz com uma abordagem nova e válida para qualquer tipo de trabalho. Em outras palavras, serve ao mesmo tempo como ferramenta de produtividade e modelo pessoal.

Preciso reconhecer que não me dediquei especificamente a resolver esse problema; isso aconteceu, em grande medida, por acidente. Eu vinha lutando contra minha própria oscilação entre alegria e exasperação no trabalho, quando uma pessoa (obrigado, Amy!) me fez uma pergunta crucial: “Por que você é assim?” Não era uma acusação nem um julgamento, mas uma pergunta concreta, nascida da curiosidade e do desejo de me ajudar a descobrir por que eu ficava frustrado com tanta frequência. Afinal, trabalhava na minha própria empresa, com bons amigos, em uma área que eu amava. Eu não fazia ideia de que a resposta resultaria no modelo que apresento neste livro. E certamente não sabia que levaria a um questionário capaz de transformar a vida das pessoas – inclusive a minha –, mais do que qualquer coisa que já tínhamos feito no The Table Group. Da descoberta de mais alegria no trabalho, passando por uma compreensão melhor do cônjuge ou dos filhos e por uma reorganização de equipes para alinhar melhor os talentos de seus integrantes, ficamos maravilhados com as histórias enviadas por pessoas que encontraram alívio imediato e duradouro graças ao modelo e ao questionário do Talento Profissional.

Como na maioria dos meus livros, a primeira parte é uma parábola que representa uma história fictícia – mas realista – sobre o Talento Profissional e sua aplicação. A segunda parte é um panorama detalhado do modelo em si. Espero que *Os 6 tipos de Talento Profissional* permita que você e aqueles que trabalham com você se tornem as pessoas que Deus os criou para ser, e que sua equipe, sua organização e até mesmo sua família se beneficiem disso.

A FÁBULA

JOB

Trabalhar não é tudo na vida. Mas é uma parte importante. E, por mais que eu desejasse o contrário, durante anos o impacto do trabalho sobre mim foi frustrante. Felizmente, pouco tempo atrás descobri algumas coisas que tornaram esse impacto muito mais positivo, e bem no momento certo, porque minha vida estava prestes a sofrer uma transformação.

A propósito, sou conhecido como Bull Brooks. Sei que, pela sonoridade, você deve estar pensando que sou cantor de rap ou algo assim. Mas meu verdadeiro nome é Jeremiah. Por causa de uma canção infantil dos anos 1970 sobre uma rã-touro chamada Jeremiah, começaram a me chamar de Bull (“touro” em inglês) quando eu era criança e o apelido pegou. Todo mundo, exceto meus filhos, me chama de Bull. Acho que até eles um dia vão usar o apelido, mas, por enquanto, ainda é “papai”.

Meu nome completo, na verdade, é um tanto pomposo: Jeremiah Octavian Brooks. Santo Otaviano foi um mártir do século V e, por algum motivo que não recordo, mamãe gostava dele. Uma coisa interessante em tudo isso é que minhas iniciais são JOB, “emprego” em inglês. Talvez por isso ninguém se espante por eu ter adquirido uma espécie de obsessão por trabalho.

Mas chega de falar de mim e do meu nome esquisito. Agora quero contar como o trabalho quase acabou comigo e o que eu aprendi que mudou tudo.

TRABALHO

Provavelmente eu devia começar explicando a primeira coisa que aprendi sobre o trabalho, ensinada por meus pais.

O que mais lembro sobre o emprego do meu pai é que ele não tinha muita escolha. Sem um diploma universitário e morando em uma cidade relativamente pouco desenvolvida, não havia tantas opções. Ser perito de sinistros – e devo admitir que não entendia direito o que isso significava até sofrer meu primeiro acidente de carro – não é a profissão mais fascinante do mundo, mas tampouco é a pior. Ele tinha tempo para a família e passava pelo menos metade do dia em casa.

Minha mãe cuidava da casa e de tudo que acontecia conosco. Parecia gostar de quase todos os aspectos desse trabalho, nos ensinando a ler, se voluntariando na escola ou pagando as contas. Com exceção de lavar a roupa, algo que, de maneira sensata e eficaz, ela delegava para a gente, nunca reclamava da labuta cotidiana e sempre dizia que cada dia passado conosco era uma alegria. Acho que ela estava sendo sincera.

Se meu pai gostava ou não do trabalho, não dá para dizer. Não era assunto de conversa nem talvez de preocupação. Tirando uma vez que ele disse: “Bull, se fosse divertido, não chamariam de ‘trabalho’”, nunca passou pela minha cabeça se ele considerava o emprego gratificante ou não. Para meu pai, trabalho era aquilo que ele fazia para pagar a hipoteca e a mensalidade da escola. Mais nada.

Foi só depois de conseguir meu primeiro emprego, como caixa de banco, que decidi que o jeito de meu pai encarar o trabalho não seria o meu.

APARANDO A GRAMA

Por falar em papai, ele era um cara incrível. Nos anos 1950, as pessoas diriam que ele era “bacana”. Nem sei direito por que estou contando isso. Ele era afável, responsável e econômico. Bacana.

Uma de suas atividades favoritas era o ritual de aparar a grama aos sábados de manhã. Não era só pela grama, é claro. Essa era a parte divertida, que ele reservava quase exclusivamente para si mesmo. O processo também incluía varrer a grama solta, catar as folhas, arrancar as ervas daninhas, limpar as ferramentas e recolher as coisas, seguido pelo *grand finale* de lavar a rampa de acesso de casa e a calçada com a lavadora de pressão.

Como eu era obediente a meu pai, pulava da cama e ficava no quintal todo sábado, quando, na verdade, o que queria era assistir a desenhos ou beisebol na TV. Mas eu o ajudava. E odiava. Nunca entendi direito por quê, e isso me incomodava porque eu amava meu pai. Mas era uma tortura.

Alguns meses atrás, finalmente descobri de onde vinha minha frustração com o ritual dos sábados de manhã, e esse é o tema da história que vou contar. Bem que eu gostaria de ter explicado a meu pai naquela época, pelo menos antes de ele morrer. Teria evitado algumas decepções recíprocas desnecessárias e talvez eu pudesse ter assistido a mais desenhos e jogos de beisebol.

Me desculpe por isso, papai.

JOY

Embora eu só tenha conseguido meu primeiro emprego de verdade, aquele no banco, no último ano do ensino médio, fiz muitos bicos para ganhar dinheiro durante a adolescência.

Em um verão, viajei até a região dos campos de petróleo e exerci o empolgante trabalho de pregar alvos de metal em forma de animal em um estande de tiro. Ficar agachado em uma trincheira enquanto as balas voavam sobre minha cabeça foi, provavelmente, a maior motivação que já tive para fazer faculdade.

Também me lembro de outro verão em que ajudei meu vizinho, cuja profissão era fazer isolamento térmico em sótãos. Meu serviço consistia em ficar em pé, na carroceria metálica de um caminhão, sob um calor de mais de 40 graus, tomando cuidado para não perder um dedo enquanto esticava uma fibra de vidro gosmenta para recobrir algo que só consigo descrever como um triturador de isolamento.

Foi aí que pintou o lance do banco. (Uau, dito assim parece que eu roubei um.)

Veja bem, eu tenho certeza de que tem gente que nasceu para ser caixa de banco, mas ao mesmo tempo tenho certeza de que não sou uma dessas pessoas. Por mais que me esforçasse, meu caixa sempre dava diferença no fim do dia. Nunca consegui entender por que isso era tão grave.

Às vezes a diferença era só de alguns centavos, ou dois ou três dólares, e eu me oferecia para pagá-los do meu bolso. O gerente

dizia: “Não é assim que funciona”, e passávamos mais de uma hora tentando descobrir que botão eu tinha apertado errado no negócio de registrar o dinheiro.

Acho que eles só não me demitiram porque as moças – todas as outras caixas eram mulheres – gostavam da minha presença. Eu as fazia rir. O que provavelmente também explica por que meu caixa dava diferença dia sim, dia não. O que eu mais gostava era quando tinha que trabalhar na janela do drive-thru, em que um tubo pneumático soprava o dinheiro das pessoas para um recipiente do lado de fora. Às vezes eu mandava junto um sachê de ketchup ou alguma coisa da geladeira, só para divertir os clientes.

Do que mais me lembro daquele emprego, porém, é da mulher que trabalhava no caixa ao lado do meu. Seu nome era Joy e era encantadora. Casada, com dois ou três filhos, não era do tipo que um menino de 17 anos chamaria de amiga. Mas ela ria das minhas piadas, me ajudava quando eu não entendia a diferença entre um cheque administrativo e uma ordem de pagamento, e se interessava por mim como pessoa. Fui ficando fã dela.

Quando o verão acabou, lembro do meu próprio espanto ao constatar quanto eu respeitava Joy e gostava de estar em sua companhia, e não vou esquecer o que ela me disse:

– Bull, não seja como eu. Ache alguma coisa que você goste de fazer para nunca ter a impressão de estar trabalhando.

Tentei consolá-la dizendo que o trabalho dela não era tão ruim. Ela simplesmente descartou meu comentário e respondeu: “Não se acomode, meu amiguinho.”

Essas palavras me assombrariam poucos anos depois.

lá como, tinha sido um dos melhores da classe. E não era simplesmente um emprego em um banco; era em um banco *de investimentos*. A sede era impressionante. Meus amigos me invejavam.

Mas eu estava infeliz.

Durante quase dois anos, que para mim foram como uma década, tentei dar certo. Recorri a toda a minha disciplina e força intelectual para superar meu desinteresse e me persuadir de que aquele emprego era meu passaporte para uma carreira de sucesso. Mas o preço foi alto demais, física e emocionalmente. Quando eu estava prestes a abandonar qualquer esperança de dar certo no setor de investimentos, meu chefe misericordiosamente tomou a iniciativa e me demitiu. Eu parecia um cavalo com a pata quebrada, aliviado por ser sacrificado.

Mas também estava perdido.

CONHEÇA OS LIVROS DE PATRICK LENCIONI

A vantagem decisiva

As 3 virtudes essenciais para trabalhar em equipe

Os 6 tipos de Talento Profissional

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Sextante,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

sextante.com.br

